GRADUS EDITORA





Serviço Social e Educação: desafios do verbo esperançar!

Anais do III Seminário Internacional e VII Fórum de Serviço Social na Educação do GEPESSE

PARTE III – Educação Superior

Cristiano Costa de Carvalho; Eliana Bolorino Canteiro Martins;
Ney Luiz Teixeira de Almeida; Adriana Freire Pereira Férriz;
Carlos Felipe Nunes Moreira (Orgs.)

REALIZAÇÃO:

GEPESSE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Serviço Social na Educação

unesp

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFBA – Universidade Federal da Bahia

APOIO:

CAPES

CNPq

FAPESP

CFESS – Conselho Federal de Serviço Social

ABEPSS – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Anais do III Seminário Internacional e VII Fórum de Serviço Social na Educação do GEPESSE: "Serviço Social e Educação: Desafios do Verbo Esperançar!". CARVALHO, Cristiano Costa de; MARTINS, Eliana Bolorino Canteiro; ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de; FÉRRIZ, Adriana Freire Pereira; MOREIRA, Carlos Felipe Nunes (Orgs.). Gradus Editora, 2024. 384p.. : il. (algumas color.).

978-65-88496-23-7 CDD 360.00

Palavras-chave: 1.Serviço Social; 2. Educação; 3. Política de Educação; 4. Pesquisa.

DOI: 10.46848/9786588496237

A Gradus Editora adota a licença da Creative Commons CC BY: Atribuição-Não Comercial-Sem Derivados - CC BY-NC-ND: Esta licença é a mais restritiva das seis licenças principais, permitindo que os outros façam o download de suas obras e compartilhem-nas desde que deem crédito a você, não as alterem ou façam uso comercial delas.

Direitos reservados à

GRADUS EDITORA

Rua Luiz Gama, 237, 17054-300 - Vila Independência - Bauru/SP
Contato (14) 98216-6549 / (14) 3245-7675 graduseditora@gmail.com.br
www.graduseditora.com

Publicado no Brasil

FICHA TÉCNICA
Editor-chefe — Lucas Almeida Dias
Diagramação e Projeto gráfico — Natália Huang Azevedo Hypólito
Capa — Natália Huang Azevedo Hypólito
Arte — André Vitor Gonçalves de Souza, Luma de Alencar Almeida
Revisão — Lucas Almeida Dias

COMITÊ EDITORIAL

Prof. Dr. Douglas M. A. de A. P. dos Santos	Profa. Dra. Cintya de Oliveira Souza	Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi
Profa. Dra. Andreia de B. Machado	Profa. Dra. Manuela Costa Melo	Prof. Dr. Carlos Gomes de Castro
Profa. Dra. Ana Beatriz D. Vieira	Profa. Dra Janaína Muniz Picolo	Dr. Yan Corrêa Rodrigues
Prof. Dr. Thiago Henrique Omena	Prof. Dr. Luís Rafael Araújo Corrêa	Prof. Dr. Fábio Roger Vasconcelos
Prof. Dr. Leandro A. dos Santos	Prof. Dr. Gustavo Schmitt	Prof. Dra. Renata Cristina L. Andrade
Profa. Dra. Daniela Marques Saccaro	Profa. Dra. Gladys del C. M. Morales	Profa. Dra. Márcia Lopes Reis

Esta publicação recebeu financiamento:
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - Brasil. PAEP-CAPES - Programa de Apoio a Eventos no País - Processo: 88881.879611/2023-01;
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq - Chamada Universal - 18/2021 - Faixa - Grupos consolidados - Processo n. 407057/2021-8;
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) processo n. 2023/10930-7.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da CAPES, CNPq, FAPESP e dos PPGSS da UNESP, UERJ e UFBA.

A IMPORTÂNCIA DO PARADIGMA TRANSFORMATIVO PARA A FORMAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL E SUA INTERFACE COM O DESAFIO DO VERBO ESPERANÇAR

The Importance of the Transformative Paradigm for the Training of Social Workers and Its Interface with the Verb Esperançar Challenge

Nívia Barreto dos Anjos[1],
Maria Inês Amaro[2],
Adriana Freire Pereira Férriz[3]

RESUMO: Este artigo trata sobre a importância do paradigma transformativo para a formação do Assistente Social e sua interface com o desafio do verbo esperançar. A pergunta de partida é: por que a formação em Serviço Social nos países de língua portuguesa não tem se apropriado do paradigma transformativo, mesmo sendo ele o que na atualidade melhor responde aos temas sociais? O objetivo geral consiste em problematizar a ausência do paradigma transformativo na formação em Serviço Social nos países de língua portuguesa, visto que ele é o mais indicado na contemporaneidade por estar enraizado em uma agenda de direitos humanos e amparado nas concepções de Paulo Freire. A metodologia defendida sustenta-se em revisão teórica de literatura. O delineamento teórico decorre na convicção de que o Serviço Social é uma profissão que procura assegurar a garantia dos direitos humanos e da justiça social e que por meio da conexão com o paradigma transformativo e com a pedagogia do oprimido/da esperança a formação deve caminhar de forma fortalecida. Entende-se que este seja um trabalho cientificamente significativo, pois procurará identificar o paradigma transformativo como fundamental para a formação do Assistente Social na atualidade, em virtude das concepções éticas, ontológicas, epistemológicas e metodológicas adotadas.
Palavras-chave: Formação em Serviço Social; Paradigma Transformativo; Direitos Humanos; Pedagogia do Oprimido; Pedagogia da Esperança.

ABSTRACT: This article deals with the importance of the transformative paradigm for the formation of the Social Worker and its interface with the challenge of the verb to hope. The starting question is: why has Social Work training in Portuguese-speaking countries not appropriated the transformative paradigm, even though it currently best responds to social issues? The general objective is to problematize the absence of the transformative paradigm in Social Work training in Portuguese-speaking countries, since it is the most suitable in contemporary times because it is rooted in a human rights agenda and supported by Paulo Freire's conceptions. The defended methodology is based on a theoretical review of the literature. The theoretical outline stems from the conviction that Social Work is a profession that seeks to ensure the guarantee of human rights and social justice and that, through the connection with the transformative paradigm and with the pedagogy of the oppressed/of hope, training must move forward strengthened form. It is understood that this is a scientifically

1 Doutoranda em Serviço Social no Instituto Universitário de Lisboa. Mestra em Políticas Sociais e Cidadania pela Universidade Católica do Salvador, especialista em Instituições Públicas de Ensino e no Programa Integral da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) pelo Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – CEFET-BA. Assistente Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social na Educação – GEPESSE. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4225-9868. *Autora correspondente: nivia.barreto@ifbaiano.edu.br.

2 Doutora em Serviço Social, pela Universidade Católica Portuguesa; mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, pelo ISCTE, e licenciada em Serviço Social, pelo Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Professora na licenciatura, mestrado e doutoramento em Serviço Social do ISCTE-IUL e investigadora integrada do CIES (Portugal). Tem interesses de investigação nas áreas da teoria e prática do Serviço Social, da Sociedade e Tecnologia e da Exclusão Social e Trabalho. Consultora na área do planeamento social e avaliação. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5737-5397.

3 É professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tanto da graduação em Serviço Social como do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS). Possui pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2018), doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2012), mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (2004) e graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba (2001). Foi presidente do Conselho Acadêmico de Ensino da UFBA no ano de 2021. Atualmente é assessora da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UFBA, coordenadora do Programa Nacional de Capacitação do Sistema Único de Assistência Social (CapacitaSUAS) e responsável pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Serviço Social na área da Educação (GEPESSE), na UFBA. Está vinculada à linha de pesquisa do PPGSS – Teoria Social, Trabalho e Serviço Social. As áreas/temáticas de pesquisa e interesse são: trabalho profissional, com foco na política de educação e de assistência social, Controle Social, Orçamento Participativo, Ensino Superior e Expansão dos cursos de Serviço Social. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0819-7779.

significant work, as it will seek to identify the transformative paradigm as fundamental for the formation of Social Workers today, due to the ethical, ontological, epistemological and methodological concepts adopted.
Keywords: Training in Social Work; Transformative Paradigm; Human rights; Pedagogy of the Oppressed; Pedagogy of Hope.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata sobre a importância do paradigma transformativo para a formação do Assistente Social e sua interface com o desafio do verbo esperançar. A pergunta de partida é: por que a formação em Serviço Social nos países de língua portuguesa não tem se apropriado do paradigma transformativo, mesmo sendo ele o que na atualidade melhor responde aos temas sociais?

Seu objetivo geral consiste em problematizar a ausência do paradigma transformativo na formação em Serviço Social nos países de língua portuguesa, visto que ele é o mais indicado na contemporaneidade por estar enraizado em uma agenda de direitos humanos e amparado nas concepções de Paulo Freire. Os objetivos específicos são: 1) Reforçar a concepção de que a formação do Assistente Social deve perpassar pelo desafio da esperança crítica; 2) Apresentar o guarda-chuva transformativo como aquele que procura se afastar do colonialismo predominante na cultura masculina branca; 3) Respaldar na formação do Assistente Social a prática reflexiva como política e em constante busca pelo questionamento.

O envolvimento com este tema surgiu durante o doutoramento em Serviço Social no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), de forma mais específica, no decorrer do estudo do livro de J. W. Creswell e J. D. Creswell (2021), "Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto", obra em que os escritores registram que o paradigma transformativo aprofunda questões de poder e de justiça social e sustenta que a pesquisa deve se relacionar à política e se contrapor à opressão social, propondo mudanças sociais.

A metodologia defendida sustenta-se em revisão teórica de literatura. Convém explicar que a autora californiana Donna Mertens, a mais influente pesquisadora deste paradigma, ainda não possui livros traduzidos para a língua portuguesa e isto acaba por dificultar o acesso dos estudantes às suas valorosas obras.

No que diz respeito ao desenvolvimento do artigo, as três categorias teóricas serão apresentadas e cruzadas de modo transversal, pois precisam estar conectadas de uma forma integral dentro do Serviço Social: Formação do Assistente Social, Paradigma Transformativo e Pedagogia do Oprimido/da Esperança. É essencial explicar que Donna Mertens (2005) registra que o paradigma transformativo abrange a teoria crítica, porém vai mais além, até porque ele procura contrastar a opressão social e abranger temas sociais como gênero, raça e outros que perpassam de forma completa pela garantia dos direitos humanos. Neste sentido, a autora lembra que este paradigma apareceu como forma de enfrentamento da consternação com os paradigmas pertencentes às classes dominantes e em virtude do entendimento de que a teoria sociológica acabou sendo produzida por meio de uma visão masculina branca.

O delineamento teórico decorre na convicção de que o Serviço Social é uma profissão que procura assegurar a garantia dos direitos humanos e da justiça social e que, por meio da conexão com o paradigma transformativo e com a pedagogia do oprimido/da esperança, a formação deve caminhar de forma fortalecida.

Nas Considerações Finais, este artigo trará como recomendação que a interface entre paradigma transformativo e pedagogia do oprimido/da esperança deve ser apropriada pela formação em Serviço Social na contemporaneidade.

Em vista do apresentado, entende-se que este seja um trabalho cientificamente significativo, pois procurará identificar o paradigma transformativo como fundamental para a formação do Assistente Social na atualidade, em virtude das concepções éticas, ontológicas, epistemológicas e metodológicas adotadas.

DESENVOLVIMENTO

Ao se reportar ao desenvolvimento da formação do Serviço Social na Europa e na América Latina, Queirós (2015) apresenta um interessante comentário sobre a evolução do Serviço Social nestes dois continentes:

> A forte vinculação à Igreja e ao Estado, que caracteriza as origens e etapas precedentes de desenvolvimento do Serviço Social, derivou para dinâmicas distintas em alguns contextos nesse processo de afirmação do Serviço Social. Assim pode observar-se que na Europa a estratégia de afirmação do Serviço Social se caracteriza por um maior investimento onde se refletem estratégias que tentam reinventar a relegitimação das ideologias do capitalismo, aceitando o Serviço Social um papel de mediador de tensões sociais. Mantendo-se como atividade prática numa perspectiva de influência humanitária e cristã o Serviço Social vai-se suportar num conjunto de teorias que vão definir o seu comportamento profissional, no desempenho daquele papel. [...] É no movimento da América Latina que são denunciados de forma mais veemente a cumplicidade criada entre a profissão de Serviço Social e as formas
> que designaram de dominação político econômica. Vem a ser reconhecido esse movimento na América Latina como Serviço Social Alternativo com um forte cunho político que atravessa o exercício profissional em defesa de uma real democratização social. Parece estar-se perante uma tentativa de libertação do seu peso histórico de vinculação à igreja e ao estado (capitalista), na sua gênese, passando os profissionais a assumir uma atitude de compromisso sociopolítico (QUEIRÓS, 2015, p. 135-136).

Caminhando neste sentido, Albiero (2018) destaca que pensar a formação é também "apreender o movimento histórico da sociedade, perceber suas transformações no contexto de uma sociedade capitalista" (ALBIERO, 2018, p. 03) até porque o Serviço Social possui um caráter altamente político na formação e que perpassa "o exercício profissional ao lidar de forma comprometida e organizada em luta e defesa dos interesses da classe trabalhadora" (ALBIERO, 2018, p. 05).

Compactundo com esse entendimento, Iamamoto (2014) coloca como desafios atuais na formação do Serviço Social: 1) Primar pelo aperfeiçoamento da qualificação teórico-metodológica e ético-política dos Assistentes Sociais, denunciando o aligeiramento da formação profissional decorrente da subordinação da educação superior à lógica do lucro capitalista; 2) Apoiar o diálogo acadêmico educado e plural entre as distintas perspectivas de leitura e análise da profissão na conjuntura mundial, afirmando sua dimensão educativa e seu compromisso com a justiça social e os direitos humanos.

A autora ainda registra que o conteúdo da formação no Brasil está amparado em três núcleos temáticos baseados nas diretrizes curriculares:

> a) Núcleo dos fundamentos teóricos-metodológicos e ético-políticos da vida social; b) Núcleo dos fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira e do significado do Serviço Social no seu âmbito; c) Núcleo dos fundamentos do trabalho profissional, abrangendo elementos constitutivos do Serviço Social enquanto especialização do trabalho: trajetória histórica, teórica, metodológica e técnica, os componentes éticos que envolvem o exercício profissional, a pesquisa, o planejamento e a administração em Serviço Social e o estágio supervisionado (IAMAMOTO, 2014, p. 620).

Por outro lado, Iamamoto (2014) lembra que a formação em Serviço Social sofre significativas mudanças na contemporaneidade: 1) O crescimento acelerado da oferta de vagas; 2) Predomínio de instituições privadas de ensino não universitárias em desfavor das universidades; 3) Precarização das condições do trabalho docente.

Em relação a Portugal, Martins e Santos (2016) registram que na Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de abril de 1974,

> Identifica-se a existência de um projeto profissional de **crítica ao capitalismo**, para a conscientização, mobilização, politização e organização das classes populares em ordem à transformação social, a atravessar tanto a formação, como os estágios e o trabalho dos "trabalhadores sociais", com o alargamento da organização associativa dos profissionais e dos estudantes (MARTINS; SANTOS, 2016. p. 115) (grifos nossos).

No entendimento de Martins e Santos (2016), a partir de 1980 ocorreu uma aproximação com o Serviço Social dos países europeus, com o projeto de integração de Portugal na Comunidade Econômica Europeia.

sMartins e Santos (2016) ainda esclarecem que esse projeto sofreu forte impacto em 1990, com a crise da reforma do ensino superior na Europa,

> Que se têm traduzido em regressividade tanto na formação e no exercício profissional, como na organização da categoria. a) Na formação acadêmica: a duração dos ciclos de estudo é reduzida e aligeirados os fundamentos teóricos e críticos, reconfigurando-se o perfil profissional, norteado pela lógica do mercado [...] b) Na profissão: é extinta a carreira técnica superior de Serviço Social, são suspensos os concursos públicos e congelada a progressão na carreira[...]; c) Na organização da categoria: [...] A formação e a profissão continuam sem regulação pela organização coletiva dos assistentes sociais (MARTINS; SANTOS, 2016, p. 121).

Sendo assim, Martins e Santos (2016) ressaltam a importância da crítica à neutralidade no Serviço Social acompanhada do reconhecimento e/ou tomada de consciência da dimensão política e ética da profissão. E dentro desta dimensão, o paradigma transformativo torna-se essencial.

Faleiros (1999) reforça esse pensamento ao explicar que a mudança do Serviço Social de Portugal não é oriunda apenas do reconhecimento formal da licenciatura e do mestrado no contexto universitário, todavia, é fruto do projeto político que a profissão assume – de crítica ao capitalismo e à dominação.

> O 25 de abril, realmente, abriu as portas e janelas de uma sociedade que vivia na escuridão da repressão, do medo, do imobilismo. Parte dos protagonistas do Serviço Social soube aproveitar a ocasião para dar sua contribuição ao desgaste do modelo vigente e aliar-se as forças transformadoras em defesa da cidadania, da ética, dos oprimidos e da valorização profissional. Os primeiros a defender a valorização e o reconhecimento profissional deveriam ser os próprios profissionais (FALEIROS, 1999, p. 10).

Nesta perspectiva, a formação do Assistente Social tanto no Brasil quanto em Portugal deve perpassar pelo desafio do verbo esperançar tão trabalhado por Paulo Freire. E este deve aparecer como uma instigação, uma provocação que requer um paradigma que o fundamente. Neste sentido, o paradigma transformativo é aqui apresentado como aquele que melhor responde a este desafio.

Donna Mertens, autora californiana, vem estudando de forma sistemática o paradigma transformativo. Para Mertens (2009), quatro sistemas básicos de crenças são relevantes para definir um paradigma: 1) Ética (axiologia); 2) Realidade (ontologia); 3) Natureza do conhecimento e relação entre o conhecedor e o que se quer saber (epistemologia); 4) Abordagem adequada à investigação sistemática (metodologia). Em relação a ética, três princípios básicos estão subjacentes à pesquisa: respeito, beneficência e justiça. No sentido ontológico, é preciso ter uma suposição sobre o que é real e decidir que tipo de evidência aceitar para estabelecer as dificuldades das pessoas e o caráter conceitual construído socialmente. Epistemologicamente, é necessário se aproximar dos participantes para realmente entender suas experiências. Metodologicamente, existem escolhas para incluir dados sobre a realidade de tal forma que seja possível adquirir confiança do que é realmente capturado. Mertens (2005) então ressalta que o paradigma transformativo se apoia na ascendência de preceitos sociais, políticos, culturais, econômicos, étnicos, de gênero e deficiência na construção da realidade e por isso ele é imprescindível na contemporaneidade.

Mertens (2009) aborda ainda que o mundo da pesquisa está operando com vários paradigmas concorrentes: o pós-positivista, o construtivista, o transformativo e o pragmático. Sendo que cada paradigma está associado a seus próprios pressupostos filosóficos sobre ética, realidade, relacionamentos e metodologia. Por isso, as características que definem o paradigma transformativo colocam: 1) Importância central nas vidas e experiências de comunidades que são empurradas para a margem da sociedade; 2) Análise nas relações de poder assimétricas; 3) Os resultados de investigação social que são vinculados à ação.

Anjos e Amaro (2023a), ao realizarem um estudo sobre a relação do paradigma transformativo com a prática reflexiva, ressaltam que a grande estudiosa deste paradigma, Donna Mertens, salienta que ele engloba teóricos críticos, marxistas, feministas, estudiosos da ação participativa e demais pesquisadores de problemas sociais na contemporaneidade que trabalham questões de gênero e raça, formando um verdadeiro guarda-chuva transformativo, o qual procura se afastar do colonialismo predominante na cultura masculina branca.

> Mertens (2009) explica que a dimensão política da pesquisa afirma o direito e a capacidade das pessoas de se manifestarem nas decisões que as afetam e que pretendem gerar conhecimento, possibilitando a libertação das vozes abafadas dos reprimidos pelas estruturas de classe e pelo neocolonialismo, pela pobreza, sexismo, racismo e homofobia. Neste sentido, a "Pedagogia dos Oprimidos", de Paulo Freire, merece destaque (ANJOS; AMARO, 2023b, p. 10).

A relação entre Paulo Freire e o Paradigma Transformativo é reforçada ao se identificar as quatro características deste paradigma defendidas por Mertens (2005), que são:

> 1) Dá importância central às vidas e experiências dos diversos grupos que, tradicionalmente, foram marginalizados, não limitando o estudo às experiências de vida das mulheres, mas estudando a forma como a opressão é estruturada e reproduzida. Os pesquisadores devem se concentrar em como as vidas dos grupos oprimidos são restringidas pelas ações dos opressores, individual e coletivamente, e/ou pelas estratégias que os grupos oprimidos usam para resistir, desafiar e subverter. Portanto, estudar a vida das pessoas oprimidas também significa que um estudo dos meios de dominação dos opressores deve ser incluído; 2) Analisa como e por que as desigualdades baseadas em gênero, raça ou etnia, deficiência, orientação sexual e classes socioeconômicas se refletem em relações de poder assimétricas; 3) Examina como os resultados da investigação social sobre as desigualdades estão ligados à ação política e social; 4) Utiliza uma teoria transformadora para desenvolver a teoria do programa e a abordagem de pesquisa. Uma teoria de programa é um conjunto de crenças sobre como um programa funciona ou por que um problema ocorre (ANJOS; AMARO, 2023a, p. 142).

Em artigo publicado na Revista Macambira, intitulado *A relevância do paradigma transformativo na contemporaneidade em estudos que envolvem temas sociais*, Anjos e Amaro (2023b) apresentam uma síntese do pensamento de Donna Mertens:

> Mertens (2009) explica então que o paradigma transformativo fornece um guarda-chuva metafísico com o qual é possível explorar semelhanças nas crenças básicas que fundamentam as abordagens de pesquisa e avaliação que foram rotuladas de teoria crítica, teoria feminista, teoria racial crítica, participativa, inclusiva, baseada em direitos humanos. Ele ainda estende o pensamento em estratégias de investigação democráticas e responsivas. Para isto, é fundamental incluir no trabalho de pesquisa a identificação de dimensões relevantes da diversidade e de sua relação com a discriminação e opressão no mundo. Neste sentido, Mertens (2009) comenta que um aspecto de destaque no paradigma transformativo consiste na inclusão consciente de uma ampla gama de pessoas que geralmente são excluídas da sociedade dominante. As características relevantes precisam ser cuidadosamente identificadas em cada contexto, e as dimensões da diversidade historicamente associadas à discriminação, como por exemplo: raça, etnicidade, gênero, deficiência, classe social, religião, idade e orientação sexual. Sendo assim, **o paradigma transformativo, enquadrado em uma perspectiva histórica, é compatível com os ensinamentos do educador Paulo Freire, que trabalhou para conscientização dos oprimidos no Brasil por meio da educação transformadora. Além disso, este paradigma fornece orientação metodológica para pesquisadores que trabalham com comunidades culturalmente complexas no interesse de desafiar o status quo e promover a justiça social** (ANJOS; AMARO, 2023b, p. 07-08) (grifos nossos).

É interessante observar que Donna Mertens, professora emérita da Gallaudet University, em Washington – Estados Unidos da América, atualmente consultora em vários países, resgata o pensamento freireano e valoriza o seu significado internacionalmente. Enquanto isso, o discurso político do candidato a Presidente da República no Brasil derrotado nas eleições de 2022, instiga seus eleitores a desvalorizarem o pensamento de Paulo Freire, chegando a chamar este riquíssimo pensador de "energúmeno". Na verdade, o que incomoda a direita do Brasil é que Freire concebe os oprimidos como sujeitos e não como objetos. E a formação em Serviço Social precisa se apropriar destas categorias teóricas com maior intensidade, lincando a pedagogia do oprimido/da esperança com o paradigma transformativo, na perspectiva de desafiar o status quo e de promover a justiça social.

Principalmente porque, segundo Anjos e Amaro (2023b), o paradigma transformativo apareceu como retorno aos problemas sociais de pessoas que foram marginalizadas no transcorrer da história, pois esses sujeitos precisavam incluir suas vozes.

> Essas vozes, compartilhadas com acadêmicos que trabalham como parceiros para apoiar o aumento da justiça social e dos direitos humanos refletem-se na mudança para crenças transformadoras na orientação de pesquisadores e avaliadores. Nesta perspectiva, Mertens (2009) apresenta o paradigma transformativo como uma estrutura metafísica abrangente para abordar as anomalias que aparecem quando pesquisadores, avaliadores e membros da comunidade manifestam frustação por seus esforços estarem aquém da marca desejada em termos de justiça social. Neste sentido, a pesquisadora registra que é imprescindível basear a pesquisa em pressupostos que deem prioridade

> a promoção da justiça social e dos direitos humanos, utilizando o envolvimento da comunidade e metodologias de pesquisa que possibilitarão uma maior realização da mudança social (ANJOS; AMARO, 2023b, p. 05).

Anjos e Amaro (2023b) continuam explicitando que Mertens salienta que o paradigma transformativo se sustenta em três pontos: "1) Os desafios contínuos no mundo; 2) A necessidade de reconhecer que tratar de questões de poder, discriminação e opressão pode desempenhar um lugar essencial na correção das desigualdades; 3) Evidências de apoio de estudos referentes ao potencial de mudança social" (ANJOS; AMARO, 2023b, p. 07).

> No entendimento de Mertens (2009), o paradigma transformativo está enraizado em uma agenda de direitos humanos e encontra-se refletido na Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas de 1948. A autora salienta que embora as declarações das Nações Unidades estejam inseridas em um contexto multilateral, elas propiciam orientação para compreender uma base para um trabalho transformador tanto a nível nacional quanto internacional, até porque os direitos humanos consistem em uma questão globalmente relevante. A autora californiana Mertens (2009) registra que a declaração Universal da Organização das Nações Unidas possui uma linguagem que indica que todos são titulares dos direitos humanos. Mas a autora lembra que as Nações Unidas chegaram a reconhecer que sua declaração não resultou no gozo dos direitos nela contido para todas as pessoas. Eles observaram que era necessária uma atenção específica para os grupos que não estavam usufruindo destes direitos em virtude da raça, deficiência, sexo, idade, posição política ou status na força de trabalho. Assim, em 1969, eles aprovaram a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial; em 1975, a Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência; em 1979, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher; em 1990, A Convenção sobre os Direitos das Crianças e a Convenção Internacional de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de Suas Famílias; em 2006, a Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas. Estes documentos priorizavam assegurar a compreensão e o respeito pela dignidade da pessoa humana (ANJOS; AMARO, 2023b, p. 07).

Diante destes desafios mundiais para garantia dos direitos humanos, é preciso recordar que Paulo Freire, grande inspirador do Paradigma Transformativo nesta luta, ao se reportar à pedagogia da esperança, afirma: "não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico" (FREIRE, 1992, p. 05). Neste sentido, o estudioso salienta que a sua esperança é fundamental, todavia, não é suficiente, pois ela sozinha não vence a luta, porém sem a sua existência a luta fraqueja e trepida. Por esta razão, a esperança crítica deve ser uma constante na formação do Assistente Social principalmente porque "a esperança, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa de prática para torna-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera" (FREIRE, 1992, p. 05).

Neste sentido, Freire (1992) comenta que a Pedagogia da Esperança é na verdade um reencontro com a Pedagogia do Oprimido sobretudo porque naquela ele procura repensar, por meio de uma tarefa política, a alma e o corpo desta, superando toda a ideologia machista, tudo que tenha vestígios de uma postura colonialista.

Na "Pedagogia da Esperança", Freire (1992) lembra que ficava impressionado com as reuniões de avaliação dos camponeses e pelo modo como se davam suas análises da realidade local e nacional. "Era como se eles começassem a perceber que o desenvolvimento de sua linguagem, dando-se em torno da análise de sua realidade, terminasse por mostrar-lhes o mundo mais bonito a que aspiravam estava sendo anunciado, de certa forma antecipado, na sua imaginação" (FREIRE, 1992, p. 20). Por isso o autor compreende que a Pedagogia da Esperança deve procurar possibilitar para as classes populares os delineamentos e presságios de um novo mundo.

E neste novo mundo, Freire (1987) ressalta que a liberdade só será uma realidade dentro de uma pedagogia em que o oprimido possa, de forma reflexiva, "descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica" (FREIRE, 1987, p. 06). Sendo assim, o estudioso lembra que a Pedagogia do Oprimido é "aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele [...] na luta incessante de recuperação da sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e se suas causas objeto de reflexão dos oprimidos" (FREIRE, 1987, p. 20). E esta reflexividade precisa passar pela formação do Assistente Social e se perpetuar na prática profissional por meio de uma leitura crítica, mas também esperançosa da realidade social.

E dentro desta reflexividade do oprimido, Freire (1992) ressalta que deve ocorrer o sonho pela humanização, e este como um constante processo, "passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, etc., que nos estão condenando à desumanização" (FREIRE, 1992, p. 51). Nesse sentido, o Assistente Social precisa aprender a trabalhar esta reflexividade na sua formação e perpetuar esse processo em toda a sua trajetória profissional, atuando como um educador progressista.

No entendimento de Freire (1992), o educador progressista, por meio da análise política, tem como desafio a tarefa de empenhar-se para revelar as possibilidades para a esperança, pois a luta deve ser movida por ela – pelo fundamento ético-político, pois isso lhe é próprio. E é exatamente dentro da dimensão política do Serviço Social que a esperança precisa ser fortalecida.

Na obra "Pedagogia da Autonomia", Freire (2017) lembra que a esperança pertence à própria natureza do homem, principalmente porque o homem participa de movimento permanente de busca, o qual requer a esperança. "A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessária, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história" (FREIRE, 2017, p. 70-71). Neste sentido, a desesperança acaba se tornando uma deturpação da esperança. "Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa" (FREIRE, 2017, p. 71).

Em relação a Paulo Freire, Anjos e Amaro (2023b) explicam que o autor sustenta uma metodologia que requer que o estudo ocorra de modo que os investigadores e os homens sejam sujeitos, jamais objetos. "Até porque para ele a investigação não pode ser reduzida a um ato mecânico, pois é processo de busca, de conhecimento, de criação, que requer que seus sujeitos se descubram, na conexão dos termos significativos e na interpretação dos problemas" (ANJOS; AMARO, 2023b, p. 10).

Partindo desta perspectiva, o estudioso da Pedagogia do Oprimido ressalta que não é possível investigar o pensar das pessoas, se não se pensa. "A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensado o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará" (FREIRE, 1987, p. 64-65).

Anjos e Amaro (2023b) continuam estudando a relação de Freire com o paradigma transformativo e ressaltam que

> Freire e Shor (1986) afirmam que "os que aceitam a tarefa da transformação social têm um sonho, embora também tenham grande quantidade de obstáculos pela frente" (Freire & Shor, 1986, p. 107). Para os autores, a mudança social se realizará através da oposição organizada contra as estruturas políticas e econômicas. "Só a ação política na sociedade pode fazer a transformação social. [...] As estruturas da sociedade – assim como o modo capitalista de produção – têm de ser mudados, para que se possa transformar a realidade" (Freire & Shor, 1986, p. 106) (ANJOS; AMARO, 2023b, p. 10).

Anjos e Amaro (2023b) ressaltam ainda que

> Conforme o pensamento de Pimentel (2009), na década de 1990, ao tematizar a práxis educativa libertadora, Paulo Freire toma por base três dimensões inseparáveis, "que integram a conscientização enquanto um processo de (trans)formação permanente: a **dimensão política**, a dimensão epistemológica e a dimensão estética" (Pimentel, 2009, p. 62 – grifo nosso). Pimentel (2009) anuncia que a Pedagogia do Oprimido, que foi escrito em 1968, período em que Freire fazia exílio no Chile, expressa a opressão do povo brasileiro. "Os temas suscitados pela Pedagogia do Oprimido permaneceram como núcleo de debates sociais e educacionais: criticados pelos da direita, aprovados pelos da esquerda, mas ainda muito atuais nestes 40 anos seguintes à 1ª edição do livro. Em momento algum deixou de representar um **legado político** de conscientização e mobilização, mesmo durante o governo militar, quando sua leitura se dava à surdina e em círculos fechados" (Pimentel, 2009, p. 55 – grifo nosso) (ANJOS; AMARO, 2023b, p. 11).

Anjos e Amaro (2023b) continuam argumentando que, ainda conforme Pimentel (2009), Freire sempre se aproximou de uma utopia sociopolítica. Sendo assim, a pedagogia freireana pode ser sintetizada em quatro pressupostos: 1) Para se erguer o futuro é necessário sonhar com ele, neste

sentido é indispensável não se sujeitar ao neoliberalismo que é refutador de mudanças; 2) A pedagogia é um condutor para a edificação deste sonho; 3) A pedagogia projeta o futuro dentro de uma visão utópica e só posteriormente que ela se vira para o presente e para a futuro; 4) Freire constrói uma pedagogia dialógico-dialética, jamais mecânica. Por isso, só é possível compreender Freire dentro de um projeto social e político, de uma perspectiva de transformação social.

Sendo assim, "o paradigma transformativo é o mais indicado na contemporaneidade para estudos relacionados ao social, pois trabalha questões de poder e de justiça social" (ANJOS; AMARO, 2023b, p. 12). Além disto, possui uma relação intrínseca com Paulo Freire e com a sua Pedagogia do Oprimido, por esta razão esse este paradigma precisa ser mais utilizado na formação do Assistente Social, principalmente porque ele consegue ir além do crítico e é o mais apropriado para estudos referentes aos direitos humanos, e, consequentemente, à dimensão política do Serviço Social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> *"Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista,*
> *que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças,*
> *que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência,*
> *que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante,*
> *não seja criticamente esperançosa"*
> (FREIRE, 2007, p. 71)

Este artigo procurou demonstrar que o Serviço Social é uma profissão que objetiva assegurar a garantia dos direitos humanos e da justiça social e que, parafraseando Paulo Freire, o Assistente Social deve ser um profissional que não teme a novidade, que se sente mal com as discriminações e com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que luta pela impunidade e que precisa possuir uma postura crítica baseada na esperança.

Nesta perspectiva, a formação em Serviço Social precisa ser construída com base em uma esperança crítica que sempre será perpassada por lutas e inquietações. Sendo assim, se na contemporaneidade Donna Mertens vem apresentando um paradigma que responde aos problemas atuais e que engloba a teoria crítica e vai além dela, o Serviço Social precisa se aproximar desta concepção.

Dentro desta esperança crítica, que é perpassada por lutas e inquietações, o paradigma transformativo deve ser apropriado pela formação em Serviço Social na contemporaneidade, principalmente por ele trabalhar questões de gênero e raça e formar um guarda-chuva transformativo, que procura se afastar do colonialismo predominante na cultura masculina branca.

Na formação do Assistente Social, a prática reflexiva, como política e em constante busca pelo questionamento, deve ser uma prioridade, pois só assim será possível não se sujeitar ao neoliberalismo, que é negador da transformação social. Neste sentido, é necessário se basear em um paradigma que esteja enraizado em uma agenda de direitos humanos e amparado nas concepções de Paulo Freire.

O Serviço Social é uma profissão que tem por base a luta contra o capitalismo e contra a dominação política, social, cultural, econômica, étnica, de gênero e de deficiência e que por esta razão precisa se apoiar em um paradigma que engloba todas essas dimensões e que se sustente nos desafios contínuos no mundo; na necessidade de reconhecer que tratar de questões de poder, discriminação e opressão pode desempenhar um lugar essencial na correção das desigualdades; e em evidências de apoio de estudos referentes ao potencial de mudança social.

Diante do exposto, a conectividade entre o paradigma transformativo e a pedagogia do oprimido / da esperança é mais um fator que indica que a formação em Serviço Social tanto no Brasil quanto em Portugal precisa arrogar-se neste paradigma como forma de fortalecimento da esperança, que não é espera, mas luta constante e diária em favor dos direitos humanos e da justiça social.

REFERÊNCIAS

ALBIERO, Cleci Elisa. A Dimensão Política na Formação Acadêmica do Assistente Social. Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 16, Vitoria, 2018. **Anais...** Disponível em: https://periodicos.ufes.br/abepss. Acesso em: 29 jun. 2023.

ANJOS, Nívia Barreto dos; AMARO, Maria Inês. A interface entre a prática reflexiva do Serviço Social e a dimensão política da profissão. *In*: CAVALCANTI, Soraya Araújo U. (Org.). **Ciências Sociais Aplicadas**: Estado, organização e desenvolvimento regional. Ponta Grossa-PR: Atena, 2023a. (v. 04). (p. 137-148).

ANJOS, Nívia Barreto dos; AMARO, Maria Inês. A relevância do paradigma transformativo na contemporaneidade em estudos que envolvem temas sociais. **Revista Macambira**, Serrinha-BA, v. 07, n. 01, p. 01-15, 2023b.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de Pesquisa:** Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

FALEIROS, Vicente de Paula. Prefácio. *In*: NEGREIROS, M. Augusta [et al]. **Serviço Social, Profissão & Identidade:** Que Trajectória? Lisboa; São Paulo: Cadernos do Futuro; Veras Editora, 1999. (p. 07-10).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo**. Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**.** Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. A Formação Acadêmico-Profissional no Serviço Social Brasileiro. In: **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 120, p. 609-639, 2014.

MARTINS, Alcina; Santos, C. M. dos. Tendências "Críticas" na Formação do Assistente Social em Portugal. *In*: MARTINS, A. [et al] (Orgs.). **Serviço Social Portugal-Brasil:** Formação em Tempos de Crise. Campinas-SP: Papel Social, 2016. (p. 109-128).

MERTENS, Donna M. An Introduction to Research. *In*: MERTENS, Donna M. **Research and Evalution in Education and Psychology**: Integrating Diversity with Quantitative, Qualitative and Mixed Methods. 2. ed. California: Sage Publications, 2005. (p. 01-42).

MERTENS, Donna M. **Transformative Research and Evaluation**. New York; London: The Guilford Press, 2009.

QUEIRÓS, Graça Maria Rolin André. **Formação em Serviço Social: desenvolver Competências para uma Mediação em Direitos Humanos?** 2015. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2015.